



Candidates must complete this page and then give this cover and their final version of the extended essay to their supervisor.

Candidate session number			
Candidate name			
School number			
School name			
Examination session (May or November)	MAY	Year	2013

Diploma Programme subject in which this extended essay is registered: PORTUGUESE GROUP 2
(For an extended essay in the area of languages, state the language and whether it is group 1 or group 2.)

Title of the extended essay: ATE QUE PONTO ESTÁ O FADO RELACIONADO
COM A IDENTIDADE NACIONAL PORTUGUESA?

Candidate's declaration

This declaration must be signed by the candidate; otherwise a grade may not be issued.

The extended essay I am submitting is my own work (apart from guidance allowed by the International Baccalaureate).

I have acknowledged each use of the words, graphics or ideas of another person, whether written, oral or visual.

I am aware that the word limit for all extended essays is 4000 words and that examiners are not required to read beyond this limit.

This is the final version of my extended essay.

Candidate's signature: _____ Date: _____

Supervisor's report and declaration

The supervisor must complete this report, sign the declaration and then give the final version of the extended essay, with this cover attached, to the Diploma Programme coordinator.

Name of supervisor (CAPITAL letters)

Please comment, as appropriate, on the candidate's performance, the context in which the candidate undertook the research for the extended essay, any difficulties encountered and how these were overcome (see page 13 of the extended essay guide). The concluding interview (viva voce) may provide useful information. These comments can help the examiner award a level for criterion K (holistic judgment). Do not comment on any adverse personal circumstances that may have affected the candidate. If the amount of time spent with the candidate was zero, you must explain this, in particular how it was then possible to authenticate the essay as the candidate's own work. You may attach an additional sheet if there is insufficient space here.

This declaration must be signed by the supervisor; otherwise a grade may not be issued.

I have read the final version of the extended essay that will be submitted to the examiner.

To the best of my knowledge, the extended essay is the authentic work of the candidate.

I spent hours with the candidate discussing the progress of the extended essay.

Supervisor's signature:

Date:

Assessment form (for examiner use only)

Criteria	Achievement level				
	Examiner 1	maximum	Examiner 2	maximum	Examiner 3
A research question	2	2		2	
B introduction	2	2		2	
C investigation	4	4		4	
D knowledge and understanding	4	4		4	
E reasoned argument	4	4		4	
F analysis and evaluation	4	4		4	
G use of subject language	4	4		4	
H conclusion	2	2		2	
I formal presentation	4	4		4	
J abstract	2	2		2	
K holistic judgment	3	4		4	
Total out of 36	35				

Até que ponto está o fado relacionado com a identidade nacional portuguesa?

Language B

Supervisor:

24-06-2012

Abstracto

Esta dissertação tem como objectivo explorar a relação entre o fado, um género de música tradicionalmente português, e a identidade nacional portuguesa. A resposta terá como tema principal o aspecto nacionalista do fado e a forma como este se desenvolveu, a partir da sua origem histórica e a influência do povo português neste ícone.

O fado é uma presença constante na vida lisboeta e a sua relação com a cultura portuguesa cosmopolita é inegável. O fado representa a alma do português, através de uma melancolia e letras directamente expostas à influência da saudade, que resulta numa canção emotiva que atrai o público facilmente. No entanto, o fado é um ícone nacional e ao explorar as suas raízes, é interessante seguir o progresso do fado, de umas cantigas nos barcos exploradores à expressão da alma de um povo.

Para executar esta investigação, explorei cinco livros: dois sobre os portugueses e o 'ser português' e três sobre a história do fado, consultados na visita à Senate House Library, Londres. Além disso, procurei vários CDs de fado, de fadistas como Mariza e Amália Rodrigues, e também ainda explorei a internet e descobri vários *websites* com referências ao fado. Para descobrir a opinião popular actual, realizei uma série de inquéritos.

Com estes livros, descobri a história do fado, as suas origens e a ascensão aos corações dos portugueses. A essência do fado estava baseada não só nas letras, mas também nas fadistas. Os inquéritos proporcionaram-me uma perspectiva nova: a população juvenil de Portugal tem a noção que o fado é português mas não ouve fado normalmente. No entanto, os artistas contemporâneos têm tentado adaptar o fado para cativar os jovens. Assim, é possível concluir que, apesar da estagnação com tendência para o declínio do fado, este continua no mercado nacional e continua, também, importante para os portugueses.

Índice

Abstracto.....	1
Índice.....	2
Introdução.....	3
A História do Fado	3
O Povo Português	6
A Opinião Popular.....	7
Nacionalismo/Patriotismo no Fado	9
Conclusão.....	11
Bibliografia	11
Anexo	13

Introdução

Esta investigação defenderá o argumento que o fado está ultimamente relacionado com a identidade nacional portuguesa. Como portuguesa, cresci com a noção que o fado é algo tipicamente português e que 'o português que é português' gosta de fado, se não por gosto próprio, então por princípio. Através de pesquisa, o objetivo será concluir que o fado está relacionado com a identidade do português. Analisar a cultura social de Portugal e alma do povo é-me de interesse pessoal, mas também informativo. Através desta investigação, espero descobrir mais sobre Portugal, o povo português e o ícone nacional que o fado é. A origem do fado e o crescimento de popularidade é essencial na compreensão da razão pela qual é relacionado com o povo. O fado, maioritariamente urbano, tem duas teorias de origem: a primeira, geralmente reconhecida com a principal, nos marinheiros que partiam ao 'Novo Mundo', a segunda na fusão de vários tipos de música e culturas importadas para Portugal através dos Descobrimentos. Naturalmente, tem como cidade-mãe Lisboa, o grande porto português onde ascendiam barcos de todo o mundo, nos tempos do Império. Para chegar a uma conclusão, investigarei livros relacionados com o tema e realizarei inquéritos para descobrir a opinião popular dos portugueses, mas também a vertente dos profissionais: os escritores, os fadistas, os músicos. Esta investigação mostrará que o fado é uma tradição portuguesa e a noção associada com o ser português ainda decorre hoje em dia.

A História do Fado

A origem do fado tem duas teorias principais que, inicialmente separadas, podem convergir numa só. Uma das teorias diz que o fado nasceu no mar. Esta teoria é razoável, considerando a história de Portugal e o mar. Os Descobridores, os Navegadores: o povo português é frequentemente ligado ao mar, desde a época de expansão do século XV ao século XX, que terminou com a independência das colónias. Então, muitos portugueses eram marinheiros que deixavam o país e a família para trás, como na canção cantada por Amália Rodrigues, em 'Fado Português'¹. A linha é fina entre o fado e a poesia e conseqüentemente é difícil distinguir a sua evolução. As quadras populares portuguesas sempre estiveram revestidas de um amor pela poesia datado até 1189, com as históricas Cantigas D'Amor, Cantigas D'Amigo, Cantigas D'Escarno e de Maldizer e as Bailadas. Estas são consideradas as fundações do desenvolvimento do fado, já que nos tempos medievais, os bardos eram poetas e músicos. No fado, a letra das canções é tanto ou mais importante do que o toque musical, como dito por Paul Vernon, "O conteúdo lírico do Fado é de proeminente importância." É então possível concluir que a poesia também tem papel no desenvolvimento do fado.

O primeiro registo escrito do fado foi publicado anonimamente num jornal em 1833 e mencionava o Fado e um Fadista que sabia utilizar uma faca. Isto estará relacionado com a origem dos fadistas:

¹ Ver anexos

eram pessoas de má reputação, que brincavam com o destino – *fatum* em latim. Estes fadistas passavam muito tempo nos bairros com fortes influências brasileiras, africanas e mouras. Aqui, a segunda teoria entra em jogo. Estando expostos a estas influências, o fado foi-se desenvolvendo a partir dos estilos musicais estrangeiros. Alberto Pimentel escreveu, “Gradualmente, o Lundum tornou-se um estilo independente como uma canção que se tornou a favorita dos estratos mais baixos da sociedade, que lhe chamaram de Fado.”² Esta segunda teoria poderia ter tido um resultado diferente: tendo como base estilos estrangeiros, o Fado poderia ter sido rejeitado. Pelo contrário, era uma anomalia, um desenvolvimento português. Portugal tomou estas influências diferentes e fez algo novo, inteiramente português. Este foi o resultado final: um estilo musical, que atraía as classes mais baixas da sociedade, que se tornou tipicamente português, nos cafés e tavernas de Lisboa.

A mãe do fado, também chamada Maria Severa, cantava o fado na taverna da mãe em Alfama, em 1836. Teve um caso amoroso com o Conde di Vimioso, que se apaixonou pela sua voz, uma história de amor que ultrapassou todas as restrições dos estratos sociais. Maria Severa morreu aos 26 anos, de causa incerta: ou tuberculose ou suicídio.³ Morreu de coração partido e as canções do fado são feitas de isto mesmo: amor perdido. Maria Severa introduziu a tradição de fadistas femininas e também do xaile preto, visto ainda hoje em dia. A sua influência no fado é muito importante, dado que Maria Severa cantava com a emoção que se tornou particular do fado.

No início do século XX, o fado tinha-se tornado uma presença constante no dia-a-dia da população trabalhadora. Depois de um dia cansativo, os portugueses reuniam-se nos cafés e tavernas para ‘se ouvir cantar o fado’. Em 1907, também os escritores e a classe intelectual tinham aderido ao fado. Já com origem poética, esta influência dos intelectuais explicaria o desenvolvimento do fado contemporâneo. No corpo do fado, corre a veia poética. Esta classe social legitimou o fado como seu. No entanto, os empresários, cantores, atores, viram o fado como uma oportunidade para atrair nova clientela para o negócio, enquanto exploravam algo familiar ao povo. Assim, três classes sociais diferentes aclamavam o fado como ‘deles’. Em 1910, com o novo regime político da República, o sentimento de esperança inspirou os escritores e poetas exprimiram-se através do fado. O povo conseguia relacionar-se com estes sentimentos. Assim, o fado, novamente explorando os sentimentos do povo, popularizou-se entre os portugueses. O fado é o que se chama ‘uma canção suada’. O povo português dos estratos sociais mais baixos trabalhava o dia todo, numa vida difícil e de pobres condições. O fado nasceu dessa vida complicada, logo a ligação directa com a população e a progressiva transgressão para as classes média e intelectual. Em 1923, o Grupo Solidariedade Propaganda do Fado’ defendia que o fado era da classe trabalhadora.

Com o golpe de estado de 1926 e a introdução da censura da letra das canções, os escritores começaram a explorar os temas de família e honra. O fado foi apoiado pelo governo como um símbolo nacionalista: “A noção do fado como autenticamente e tipicamente português, intrinsecamente ligado a um historial vagamente rústico-folclórico [...] foi extensamente

² Alberto Pimentel, “A História do Fado”, 1904.

³ http://worldmusic.nationalgeographic.com/view/page.basic/genre/content.genre/fado_717/en_US, visitado a 23.06.12

divulgado.”⁴A popularidade e o crescimento do fado no século XX são inegáveis: no final da década de 1920 já existiam ‘casas de fado’, revistas sobre o fado e atrizes-fadistas. No entanto, por 1930, as casas de fado tornavam-se cada vez mais exclusivas, interessadas no negócio proveniente do fado e não do princípio do fado, e conseqüentemente marginalizaram a classe trabalhadora. Tendo o orgulho do fado nos seus dia-a-dias, estes viam-se como os defensores e protectores da tradição, de trazer o fado às suas origens.

A década de 1940 viu a ascensão de uma mulher que se tornaria a fadista mais amada da história do fado. Amália Rodrigues já tinha uma boa reputação como fadista e começara a viajar, por exemplo, em 1945 para o Brasil. Amália gravou alguns discos do Brasil, depois vendidos à Editora Melodia. Em Portugal, venderam como nenhum outro disco tinha vendido. Amália não só cantava mas também escreveu e desenvolveu o fado. Esta fadista tornou-se a inspiração para todos os outros músicos e ultimamente o grande ícone do fado. Amália é a Piaf dos portugueses.⁵ Assim, através de ícones e com o desenvolvimento da indústria musical, o fado tornou-se uma marca nacional.

A ascensão do fado em popularidade pode ser restringida, maioritariamente, a partir do século XX. Com um regime militar e vidas difíceis, o fado tornou-se o alívio ao fim do dia: “O fado de Amália tornou-se a maneira como a nação se entedia a si própria, a maneira como sobrevivia uma ditadura, a maneira como os pobres de Lisboa lidavam com a vida, a encarnação física da felicidade e amargura de uma nação – as saudades do povo.”⁶ Um exemplo poderá ser um dos grandes sucessos de Amália Rodrigues, *Alfama*:

*“Quando Lisboa anoitece
como um veleiro sem velas
Alfama toda parece
Uma casa sem janelas
Aonde o povo arrefece
[...]
Alfama não cheira a fado
Cheira a povo, a solidão,
Cheira a silêncio magoado
Sabe a tristeza com pão
Alfama não cheira a fado
Mas não tem outra canção.”⁷*

Aqui, Alfama é descrita como ‘uma casa sem janelas’ onde ‘o povo arrefece’, demonstrando a vida do povo lisboeta, particularmente de Alfama, como uma vida sofrida e complicada. A descrição de como Alfama não cheira a fado, mas não tem outra canção, complementa-se na construção da

⁴ “A History of the Portuguese fado,” Paul Vernon, 1998, Ashgate, página 29

⁵ <http://www.lisbon-inspiration-city-guide.com/Lisbon-Fado.html>, visitado a 22.06.12

⁶ <http://www.lisbon-inspiration-city-guide.com/Lisbon-Fado.html>, visitado a 22.06.12

⁷ Rodrigues, Amália, “Alfama”.

imagem de Alfama. Assim, este fado, cantado para as pessoas que viviam esta vida, propunha uma expressão da sua amargura diária, tornando o fado uma música relacionável.

O Povo Português

O fado é caracterizado pela emoção, a saudade e a tristeza. Assim, descrito como um vislumbre para a alma portuguesa, é fácil concluir que o povo português é triste. Um país pequeno, de pouca importância, que caiu em declínio rápido e desastroso, Portugal foi visto por Miguel de Unamuno que se surpreendeu com “esta enorme tristeza”⁸, no século XX. Ainda sugeriu a possibilidade de serem “um povo suicida.”⁹ A tristeza de Portugal é uma característica evidente para os estrangeiros, mas talvez não tanto para os portugueses. O fado, adorado, transmite um afecto pela tristeza, pela saudade, sentimentos dentro da medula do ser português. O fado embala estas emoções como uma mãe o filho, demonstrando uma relação positiva entre a concepção de que a tristeza é má. Isto não quer dizer, irrefutavelmente, que o Português não tem alegria. Uma das maiores demonstrações de alegria nacional é a equipa de futebol portuguesa, um dos três F’s de Michel BJ Cartier, no seu livro ‘*Como é possível ser português?*’ – os outros dois F’s são o Fado e Fátima.¹⁰ Quando Portugal passou às finais no Campeonato Europeu de 2004, a emoção no cafés onde os portugueses se reuniam para ver o jogo com uma cerveja irromperam em gritos de felicidade. Esta pequena vitória motivou os portugueses, renovou a esperança de que Portugal poderia ser algo maior. Disse-se até que Scolari, o treinador da equipa nacional, tinha tornado o povo português um povo alegre. Com uma reacção tão forte dos portugueses, é possível concluir que o que o povo português precisa é de uma oportunidade e esta, quando dada, faz o povo ascender das cinzas com esperança. No entanto, Scolari demonstrou que também ele tinha concluído o que era o povo português: “os portugueses têm medo de se sentir felizes”¹¹. Com este temperamento no coração da nação, o fado transmite um pessimismo que caracteriza não só a nação mas consequentemente o ícone da nação, o fado. O fado é, então, a representação expressiva do povo.

Correa Calderon, um escritor espanhol do século XX, descreveu a saudade como ‘a chave para um povo’.¹² A saudade é o orgulho dos portugueses, como uma palavra intraduzível exclusivamente portuguesa:

*“Saudades, só portuguesas
Conseguem senti-las bem.
Porque têm essa palavra
Para dizer que as têm.”¹³*

⁸ Hatton, Barry; “Os Portugueses”, Clube do Autor, 2011, página 248

⁹ Idem, página 248

¹⁰ Cartier, Michel BJ, “Como é possível ser Português?”, Matéria-Prima Edições, 2011, página 104

¹¹ Hatton, Barry; “Os Portugueses”, Clube do Autor, 2011, página 249

¹² Idem, página 249

¹³ Pessoa, Fernando, “Quadras ao Gosto Popular”, Ática, 1992.

Nas palavras de Fernando Pessoa, outro ícone nacional, a saudade é portuguesa. A relação entre o fado e a saudade é inegável. O povo português adoptou o termo como o sentimento português, a base da alma de uma nação. O fado adoptou o termo como o sujeito das canções e fadista que é fadista canta com saudade, ou não é fadista. Existe uma rouquidão única na voz da fadista e não é só o talento vocal que faz a fadista espectacular, mas também a capacidade de transmitir uma grande variedade de emoções. O fado é independente, mas mal cantado não é fado. Isto poderá explicar a popularidade do fado, como um tipo de música que explora e transmite as emoções do povo, apelando à maioria da população. A saudade é considerada uma palavra intraduzível baseado na complexidade da saudade. Por exemplo, em inglês, descrever a saudade com apenas uma palavra deixa muito a desejar. Os substitutos comuns rangem de 'nostalgia', 'longing', 'loss', 'yearning', entre vários. A complexidade deste sentimento português cai na definição de que é uma emoção agridoce¹⁴, que evoca a dor do ontem e a esperança do amanhã. Descrito como um sentimento estático, não existe movimento na saudade: é quase um modo de estar. A saudade já é datada do século XIII e tornou-se assim, também, tipicamente portuguesa. Não existe fado sem a saudade. O facto de ser impossível transmitir a mensagem exacta da saudade em qualquer outra língua reforça a noção de que é exclusivamente portuguesa. Por associação, nesta lógica simples, o fado também o é. A fado é amado pela sua exclusiva expressão da saudade. Apesar da conotação algo deste estado penoso, a saudade é afagada pelos portugueses. Entres grandes escritores, Almeida Garrett disse que a saudade talvez fosse "a mais doce, a mais expressiva e mais delicada" das palavras de toda a língua portuguesa. O fado, com a sua origem sentimentalista, capta a vulnerabilidade da emoção e canta-a a todos. Em "Lusitana Paixão" de Dulce Pontes, é cantado:

*"Fado
Soluçar recordações
Fado
Reviver uma tal dor
Fado
Só quando a saudade vem
Arrancar do meu passado um grande amor"¹⁵*

Apesar da geral melancolia do fado, esta expressão de tal tristeza caracteriza o português: o amor à tristeza.

A Opinião Popular

O historial do Fado sugere que o fado se manteve como um estilo de música popular entre a população portuguesa. Actualmente, a terceira geração depois do sucesso do fado no século XX, a questão principal seria se a indústria do fado continuou depois da morte de Amália Rodrigues em 1999. A resposta é sim. O fado sofreu uma mudança para o fado contemporâneo, com grandes novas estrelas como Mariza, Maria Ana Bobone e Dulce Pontes. Mariza, por exemplo, tem várias

¹⁴ Hatton, Barry; "Os Portugueses", Clube do Autor, 2011, página 250

¹⁵ Pontes, Dulce, "Lusitana Paixão".

novas versões de canções originalmente cantadas por Amália, o que explicaria a sua popularidade, talvez, como uma moderna reencarnação da imortal Amália Rodrigues. Assim, o legado desta fadista histórica continua nos dias de hoje. Com a continuação desta tradição portuguesa para os dias modernos, seria de esperar que a população ainda ouvisse o fado. Os inquéritos foram realizados com o objectivo de confirmar ou rejeitar esta teoria. No entanto, é preciso considerar que o fado é algo extremamente citadino e origem dos portugueses questionados não foi posta em causa.

Os inquéritos foram aplicados a dez portugueses que actualmente residem em Portugal e a dez emigrantes. Foram escolhidos ao acaso, de várias faixas etárias – o mais novo com quinze anos e o mais velho com 73. Os questionários aos emigrantes foram realizados durante os festejos do dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, a 10 de Junho de 2012, no parque de Kennington, em Londres. Os inquéritos aos Portugueses em Portugal foram realizados via e-mail. Os resultados¹⁶ destes inquéritos deixam perceber que as gerações mais jovens não ouvem fado porque ‘não é o seu estilo de música’. Esta opinião está também presente nas gerações anteriores, embora de forma mais difusa. No entanto, apesar das diferenças nos gostos musicais, 90% dos portugueses questionados entendem que o fado está relacionado com o ser português, que o fado é inteiramente português e representa o povo português. Assim, é possível concluir que, apesar dos entrevistados não ouvirem regularmente o fado, estes têm uma sólida noção de que este transmite a essência do ser português. De igual modo, é transversal em todos os questionários percepção do fado como um elemento nacional.

Os resultados destes inquéritos permitem concluir que as gerações recentes não ouvem fado porque ‘não é o seu estilo de música’. Esta opinião está também presente nas gerações anteriores, mas mais difusamente. No entanto, apesar das diferenças nos gostos musicais, 90% dos portugueses questionados concluíram que o fado estava relacionado com o ser português, que o fado era inteiramente português e representava o povo português. Assim, é possível concluir que, apesar de não ouvir o fado, a noção de que o fado transmite a essência do português continua a ser transmitida como um elemento nacional.

Existem vários factores contribuintes para o declínio do fado em relação às gerações mais recentes, dois factores completamente diferentes mas de grande importância: o golpe de estado e a globalização. O golpe de estado de 1974, que removeu o partido ditador do poder, deu começo a um novo sentimento em relação o fado. Associado com António Salazar dado a ser um dos seus F's e considerado antiquado, o conceito de que não era apropriado aos Novos Tempos espalhou-se. No entanto, o fado reformou-se deste ataque dos novos governadores e seguiu em frente.

O segundo factor, a globalização, é um fenómeno baseado no comércio, em que se expressa a necessidade de uma ‘aldeia global’ quer proporcione mercados maiores e mais abertos. Portugal, como muitos outros países, é vítima deste processo. A presença musical em Portugal é extremamente representada por artistas derivados dos grandes: os Americanos, Ingleses. No

¹⁶ Ver anexo para exemplos de resultados.

entanto, a globalização em si, sozinha, não é fatal. Em França, com o investimento do governo, a indústria musical francesa está a recompor-se. Tal investimento não acontece em Portugal, onde a indústria musical não tem outra opção que desmorrar sob tanta pressão estrangeira. Assim, sem o investimento do governo em reviver este ícone nacional, o fado poderá sucumbir como apenas uma história do passado de algo que era português, ao longo das décadas do século XXI. No entanto, ainda há esperança. Artistas como Mariza têm tido grande sucesso em exportar o fado e modernizá-lo, de modo a apelar às gerações mais novas e a outros públicos. Mariza, por exemplo, tem este ano uma digressão mundial, cruzando as fronteiras para a Turquia, Polónia, Espanha, entre outros. Os artistas modernos impedem o abandono completo do fado pela população jovem de Portugal. Alguns exemplos seriam as parcerias de Maria a Boss AC e a de Jorge Fernando com Sam the Kid. Talvez o mercado fora de Portugal seja a solução. Portugal em si decaiu para uma crise económica que tem crescido nestes últimos anos. O povo português, dado ao pessimismo, tem pouca esperança. Talvez um pouco de nacionalismo proporcionado pelo fado seja a solução.

Nacionalismo/Patriotismo no Fado

O nacionalismo, definido como “a doutrina que proclama a Nação como o valor supremo na ordem temporal”¹⁷, sempre foi um conceito muito abstracto para mim. A minha noção do nacionalismo baseava-se no amor e prestígio na Nação, não de quem governa ou alguma outra força humana, mas do conceito da Nação. A diferença na definição torna o meu nacionalismo em patriotismo. O fado tem, na sua essência, o tom de quem ama a Nação. Entre os fados dos corações partidos, os fados corridinhos e alegres, existem a menção de Portugal ou do português. O uso do próprio país neste estilo musical reforça a ideia de ser tipicamente português, tendo odes ao ‘portugalismo’. O nacionalismo é, em si, um conceito mais extremo. Assim, defino o fado como ‘patriota’, cantado o bom de Portugal e o mal, sempre com amor à pátria.

Muitos fados relatam acções tipicamente do povo: o navegar, largar a terra e dar rumo ao mar. No entanto, existem referências mais concretas. Exemplos seriam odes à cidade de Lisboa, como ‘Maria Lisboa’ de Amália Rodrigues. Outro fado em ode ao país será ‘Terra D’Água’, uma rendição recente de Mariza:

*“Das águas serenas que o teu fado quis
O meu país
[...]
Minha pátria d’água, os meus olhos afago
A quem mil noites te sonhar
E em meu fado, este cantei
Minha terra dágua
Ao cair da mágoa, por ti, sou feliz
O meu país.”¹⁸*

¹⁷ <http://falarverdadeportugal.blogspot.co.uk/2010/11/o-que-e-o-nacionalismo.html>, visitado a 21.06.12

¹⁸ Rodrigues, Amália, “Terra D’Água”.

Aqui, Portugal é descrito como 'a terra d'água', uma descrição comum considerando que grande parte de Portugal é costa. A escolha de termos reforça a imagem de Portugal, entre a 'pátria' e aclamar 'minha'. Nas últimas linhas, o amor à pátria é lançado ao ar.

Outro exemplo de um fado com menções patriotas poderia ser o fado 'Prece', de Amália Rodrigues¹⁹. Com um tema muito negro, o fado canta das possibilidades da morte e de onde o sujeito poético gostaria de morrer. A frase que fecha o fado diz tudo: "*das mãos de Deus tudo aceito/ mas que eu morra em Portugal*".²⁰ A colocação da importância de morrer no país de origem, 'em casa', sobrepõem-se à religião. Aceitaria tudo de Deus, desde que morresse em Portugal. Neste exemplo, numa rendição afagada por Amália, é impossível não ouvir e não se sentir, na alma, português. Assim, num fado inteiramente deslocado do tema patriota, a frase que fecha o fado é a única obviamente patriota no fado. Este acontecimento repete-se num poema, já cantado como fado pela fadista Mariza. O poema de Florbela Espanca, 'Vozes do Mar', abre apenas o significado do seu sentido no fim, onde diz: "... Talvez a voz de um Portugal antigo / Chamando por Camões numa saudade!"²¹ Camões, outro ícone português, é aclamado neste poema virado fado. Proclamar um ícone nacional através de algo tipicamente português: seria, de facto, muito complicado tornar uma canção ainda mais português e feito com tal perícia.

Uma das músicas de Dulce Pontes diz, "*O cântico final / Porque afinal falta cumprir / O amor a Portugal / O amor a Portugal!*".²² O fado, intitulado 'O Amor a Portugal', é um canto motivador, que defende que o amor à pátria se sobrepõe às dificuldades e que este amor há-de ser vitorioso. Um emergente fadista, André Baptista, "Levou, com agrado e aplauso, o Fado à saudade das Comunidades Portuguesas em França, Inglaterra e Itália."²³ O amor ao fado transcende fronteiras, proporcionando assim este fragmento de nacionalismo aos imigrantes.

É fácil encontrar referências patriotas nas entrelinhas dos fados e muitas vezes mesmo explicitamente, como em "*Meu Fado Meu*" de Mariza:

*"Do meu povo trago pranto
[...]
Eu canto um país sem fim
O mar, a terra, o meu fado
Meu fado, meu fado, meu fado, meu fado"*²⁴

A descrição de Portugal como «um país sem fim» e a personalização com os possessivos na primeira pessoa tornam Portugal algo querido, a Nação cantada através do fado.

¹⁹ Ver anexo

²⁰ Rodrigues, Amália, "Prece", Amália Rodrigues – Obsessão CD, DRG Label, 1998

²¹ Espanca, Florbela, "Trocando Olhares", Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1994.

²² Pontes, Dulce, "Momentos", Galileo Music.

²³ <http://www.andre-baptista-fado.blogspot.co.uk/>, visitado a 22.06.12

²⁴ Mariza, "Meu Fado Meu".

Conclusão

Esta investigação permitiu-me concluir que, em contraste com a geração mais velha, os jovens de Portugal geralmente não ouvem fado. No entanto, apesar do contacto limitado com o estilo de música, sabem exprimir que o fado está relacionado com o português e *ser português*, apesar da explicação porquê estar perdida entre as gerações. A partir da pesquisa realizada, consegui perceber o porquê da importância do fado e as suas raízes históricas. A relação entre o fado e o povo começou dentro das suas origens fundamentais; o fado é muitas vezes apelado 'a canção do povo'. Através destas canções, o povo relatava a sua vida sofrida, as complicações do dia-a-dia do povo, primeiro oprimido por um regime monárquico, e depois por um regime ditatorial. Assim, o fado permanece nas vidas dos portugueses, entre as casas de fado e as ruas de Lisboa, especialmente em locais como a Mouraria, Alfama e até a Baixa, onde tocar o fado na rua apela aos estrangeiros, aos turistas. O fado desenvolveu-se também num ramo exterior, onde como algo tipicamente português poderia atrair os estrangeiros; isto é demonstrado a partir do sucesso dos fadistas contemporâneos, que exportam fora de Portugal e têm *tours* além-fronteiras. Também os esforços dos fadistas para actualizar o fado de modo a cativar as gerações mais novas, que, vítimas da globalização, estão entregues ao pop e rock Americanos. A partir desta descoberta, uma nova pergunta ascende: como salvar o fado? Seria impossível permitir que este legado português, que inspira e transpira à portuguesa, morresse sob a pressão dos mercados estrangeiros. O fado é, em conclusão, interligado com a alma do português e assim exclusivamente em direito a este povo. A saudade, sentimento intraduzível, está presente em todos os fados e é um dos grandes orgulhos dos portugueses. Uma emoção tão complicada que só pode ser descrita na língua portuguesa evoca primariamente alguns sentimentos patriotas e alcança um sentimento muito raro na população portuguesa de hoje em dia : o orgulho da Nação. O fado proporciona uma maneira do povo se exprimir e ter orgulho em ser português. Em conclusão, o fado ainda é, hoje em dia, considerado exclusivamente português.

Palavras: 3970

Bibliografia

Cartier, Michel BJ, "Como é possível ser Português?", Matéria-Prima edições, 2011.

Carvalho, Pinto de, "História do Fado", Don Quixote, 1984

Espanca, Florbela, "Trocando Olhares", Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1994.

Hatton, Barry, "Os Portugueses", Clube do Autor, 2011

Pessoa, Fernando, "Quadras ao Gosto Popular", Ática, 1992.

Torga, Miguel, "Portugal", 5ª edição, Coimbra, 1986

Vernon, Paul, "A History of the Portuguese Fado", Ashgate, 1998

Websites:

<http://www.andre-baptista-fado.blogspot.co.uk/> (22.06.12)

<http://falarverdadeportugal.blogspot.co.uk/2010/11/o-que-e-o-nacionalismo.html> (21.06.12)

<http://www.lisbon-inspiration-city-guide.com/Lisbon-Fado.html> (22.06.12)

<http://www.lisbon-inspiration-city-guide.com/Lisbon-Fado.html> (22.06.12)

http://worldmusic.nationalgeographic.com/view/page.basic/genre/content.genre/fado_717/en_US (23.06.12)

Canções:

Mariza, "Meu Fado Meu".

Pontes, Dulce, "Lusitana Paixão".

Pontes, Dulce, "Momentos", Galileo Music.

Rodrigues, Amália, "Alfama".

Rodrigues, Amália, "Terra D'Água".

Rodrigues, Amália, "Prece", Amália Rodrigues – Obsessão CD, DRG Label, 1998

Anexo

Fado Português

“O Fado nasceu um dia,
quando o vento mal bulia
e o céu o mar prolongava,
na amurada dum veleiro,
no peito dum marinheiro
que, estando triste, cantava,
que, estando triste, cantava.

Ai, que lindeza tamanha,
meu chão, meu monte, meu vale,
de folhas, flores, frutas de oiro,
vê se vês terras de Espanha,
areias de Portugal,
olhar ceguinho de choro.

Na boca dum marinheiro
do frágil barco veleiro,
morrendo a canção magoada,
diz o pungir dos desejos
do lábio a queimar de beijos
que beija o ar, e mais nada,
que beija o ar, e mais nada.

Mãe, adeus. Adeus, Maria.
Guarda bem no teu sentido
que aqui te faço uma jura:
que ou te levo à sacristia,
ou foi Deus que foi servido
dar-me no mar sepultura.

Ora eis que embora outro dia,
quando o vento nem bulia
e o céu o mar prolongava,
à proa de outro veleiro
velava outro marinheiro
que, estando triste, cantava,
que, estando triste, cantava.”

Escrito por José Régio, cantado por Amália Rodrigues

(<http://natura.di.uminho.pt/~jj/musica/html/amalia-10.html>=